

## **Celso Lafer: 'A política externa não representava abertura ao mundo'**

Entrevista com Celso Lafer

31/03/2021, O Estado de S.Paulo

Um dos signatários da carta dos chanceleres de 2020 que pedia a reconstrução da política externa brasileira, Celso Lafer é uma das maiores referências da diplomacia do País, bem como das preocupações com uma sociedade em que a *philia aristotélica* ocupe um lugar especial para a preservação do espaço público, a fim de garantir o bem-estar da comunidade e o diálogo político.

Lafer superou as diferenças que o afastavam de outros chanceleres da Nova República para denunciar a gestão de Ernesto Araújo - que pediu demissão anteontem - na pasta. Queria resgatar um mundo assinalado pela diversidade e pela criatividade do novo, como escreveu em *A Reconstrução dos Direitos Humanos*.

Chanceler dos governos Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso, ele contou ao **Estadão** o significado de sua oposição à gestão de Araújo no Itamaraty.

**O artigo *A Reconstrução da Política Externa Brasileira* iniciou a formar o consenso em torno da necessidade de mudança no Itamaraty? Qual o impacto da gestão Araújo para nossa diplomacia, como ela se relacionava com os princípios históricos e legais dela?**

Havia um consenso muito grande, apesar das diferenças reais entre os que participaram dessa discussão, de que a condução da política externa, tal como vinha sendo feita pelo governo Jair Bolsonaro e pelo Araújo, não correspondia às necessidades do País. Daí a ideia de escrevermos um artigo, que reunia os chanceleres do período da redemocratização, com uma visão de que essa política não correspondia ao acervo de realizações da política externa brasileira, seja no plano bilateral, seja no plano multilateral. Nem correspondia à tradição diplomática e ao capital simbólico que ela representa, ao seu *soft power*. Também não obedecia aos princípios que regem as relações internacionais do Brasil, corporificados na Constituição de 1988, que respondiam a uma avaliação da sociedade brasileira de que o rumo da política externa devia obedecer à cooperação entre os povos para o progresso da humanidade, à ideia da integração latino-americana, à defesa da paz e à solução pacífica de controvérsias. Enfim, ter a ideia de uma postura de abertura em relação ao mundo. E, independentemente das diferenças de tom e ênfase dos que redigiram o documento, concordamos que a política externa não representava no governo Bolsonaro uma abertura ao mundo.

**Qual o significado dessa mudança na chancelaria para a relação do Brasil com as demais nações? Como isso pode ser entendido pelos observadores estrangeiros e qual o papel de Ernesto Araújo nessa história?**

Quem conduz a política externa, de direito e de fato, é o presidente, com a colaboração do seu chanceler. E, naturalmente, o Ernesto Araújo conduziu a política externa alinhado com os rumos que o presidente Bolsonaro procurou imprimir ou, pelo menos, aos de grupos expressivos que o apoiam, aos quais ele dá atenção, o assim chamado grupo ideológico, para o qual a política externa do Ernesto, chancelada pelo presidente, respondia. O que eu vejo no momento atual do Brasil? Vejo uma insatisfação com esses rumos, com os quais o presidente tem dirigido o País. Essa insatisfação aparece em vários campos. Do ponto de vista da Saúde, nós sabemos qual é o grau de insatisfação que levou à

saída de Eduardo Pazuello do ministério e da movimentação grande que essa saída tem como lastro, que vem da posição do Congresso e dos governadores, dos prefeitos e de uma insatisfação da sociedade com a continuidade de uma pandemia que não parece encontrar no governo federal o encaminhamento apropriado. A manifestação recente da carta escrita e subscrita por um grupo muito expressivo de empresários e economistas explica esse tipo de situação.

### **Qual será, então, o efeito da nomeação de Carlos Alberto França como novo chanceler?**

Não o conheci. Sei que é um diplomata com experiência na América Latina e com interesse pelo tema da cooperação energética com um parceiro importante. Trabalhou no cerimonial e tem as qualificações profissionais do Itamaraty. Nunca dirigiu uma embaixada, o que é um experiência importante para um diplomata de carreira. O que se pode dizer é que não adianta trocar seis por meia dúzia. Não adianta substituir o Ernesto Araújo por alguém que seja mais comedido ou mais razoável, mas que não simbolize uma mudança significativa. Por isso, essa escolha é tão decisiva. O novo ministro deve ser uma pessoa que, simbolicamente, assinale essa mudança. Sem isso, não se recuperará a credibilidade internacional do Brasil. Pode ajudar a diminuir o desgaste, mas não vai mudar a percepção generalizada que existe hoje.

### **Uma das coisas que têm notabilizado o governo é a diplomacia paralela levada a cabo por Eduardo Bolsonaro nas suas relações com regimes como os da Polônia e da Hungria e forças da extrema-direita ao redor do mundo. De que forma isso provoca confusão e ruídos para a execução de uma política externa do País?**

Olha, provoca na medida em que o Trump não foi reeleito. A única base maior que tinha o governo Bolsonaro e essa democracia paralela era a benevolência do Trump em relação a essas movimentações. Ela desaparece com o fim do que ela representou e nos deixa em uma posição muito desconfortável, pois, afinal de contas, sem demérito para a Hungria, para Polônia e para alguns países fundamentalistas do arco árabe, isso não ajuda a nossa respeitabilidade de maneira nenhuma. Nós estamos jogando fora recursos de presença internacional acumulados em troca de nada, em troca de uma desconectada visão ideológica do mundo.

As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.